

CONHECIMENTO SOBRE AS PLANTAS MEDICINAIS DO POVO ARARA-KARO DE JI-PARANÁ, RONDÔNIA

Sebastião Gavião¹
Reginaldo de Oliveira Nunes²

Resumo: Este trabalho visou preservar e revitalizar os conhecimentos tradicionais do povo indígena Arara-Karo sobre o uso das plantas medicinais. No entanto, os jovens pouco sabem como se usam as plantas para cura de diversos tipos doenças. Neste sentido, o objetivo do estudo foi registrar o uso das plantas medicinais visando deixar para futuras gerações terem conhecimento como é importante preservar a cultura do seu povo. O trabalho foi desenvolvido na aldeia I'terap, Terra Indígena Igarapé Lourdes, município de Ji-Paraná, Rondônia, aproximadamente a 45 km da cidade. Atualmente são aproximadamente 450 pessoas na comunidade nas aldeias chamadas de I'terap, Paygap e Cinco irmãos. Foi realizada coletas de dados com os sabedores da comunidade, relacionando as plantas medicinais que o povo Arara utilizava como medicamentos naturais. Algumas informações coletadas os mais velhos dizem que muitas doenças não são necessárias serem curadas na cidade, porque existem no território indígena as ervas que podem curar algumas doenças aqui mesmo na aldeia. Espera-se que esse trabalho sirva de exemplo na comunidade para valorização da cultura do povo Arara e que incentive os jovens a procurarem os mais velhos para obter informações sobre o uso das plantas medicinais. Por isso, este trabalho foi importante para fortalecer a cultura tradicional do povo, uma vez oportunizando a nova geração a minimizar o uso dos remédios adquiridos em farmácias.

Palavras-chave: Plantas Medicinais. Povo Arara. Cultura.

CONOCIMIENTO SOBRE LAS PLANTAS MEDICINALES DEL PUEBLO ARARA-KARO DE JI-PARANÁ, RONDÔNIA

Resumen: Este trabajo pretendió preservar y revitalizar los conocimientos tradicionales del pueblo indígena Arara-Karo sobre el uso de las plantas medicinales. Sin embargo, los jóvenes poco saben cómo se usan las plantas para curar diversas enfermedades. En este sentido, el objetivo del estudio fue registrar el uso de las plantas medicinales para dejar para futuras generaciones tener conocimiento de cómo es importante preservar la cultura de su pueblo. El trabajo fue desarrollado en la aldea I'terap, Tierra Indígena Igarapé Lourdes, municipio de Ji-Paraná, Rondônia, aproximadamente a 45 km de la ciudad. Actualmente son aproximadamente 450 personas en la comunidad en las aldeas llamadas I'terap, Paygap y Cinco hermanos. Se realizaron colectas de datos con los sabedores de la comunidad, relacionando las plantas medicinales que el pueblo Arara utilizaba como medicamentos naturales. Algunas informaciones recolectadas más viejas dicen que muchas enfermedades no son necesarias ser sanadas en la ciudad, porque existen en el territorio indígena las hierbas que pueden curar algunas enfermedades aquí mismo en la aldea. Se espera que este trabajo sirva de ejemplo en la comunidad para valorar la cultura del pueblo Arara y que aliente a los jóvenes a buscar a los mayores para obtener información sobre el uso de las plantas medicinales. Por eso, este trabajo fue importante para fortalecer la cultura tradicional del pueblo, una vez oportunizando la nueva generación a minimizar el uso de los medicamentos

¹ Graduação em Licenciatura em Educação Básica Intercultural. SEDUC-RO.

² Doutorado em Fitotecnia. Universidade Federal de Rondônia (UNIR). Departamento de Ciências Humanas e Sociais – DCHS. E-mail: reginaldonunes@unir.br.

adquiridos en farmacias.

Palabras clave: Plantas medicinales. Pueblo Arara. Cultura.

Introdução

Os seres vivos evidenciam singular influência no ambiente, no entanto a espécie humana, pelo fato de saber utilizar certas formas de energia, manipulam mais, a ponto de exercer transformações drásticas no habitat, fauna e flora. O ser humano vem interferindo em complexos equilíbrios naturais, visando a produção industrial de uma enorme quantidade de bens de consumo, ao qual realiza devastações que são irreversíveis ao meio ambiente.

O homem agride o meio ambiente, não porque utiliza seus recursos naturais, mas porque o faz de maneira egoísta e irracional. Transformam ambientes de complexidade ambiental exemplar em monoculturas ou terrenos para pastagens, tudo em prol do acúmulo de riquezas e ambição. Nesse sentido, preservar os recursos naturais é de suma importância, pois o homem os utiliza visando sua sobrevivência, tais como na alimentação, construção de casas e barcos, e em vários momentos para fins medicinais.

Sabe-se que esse uso como finalidade medicinal é tão antigo quanto o próprio ser humano, que aprendeu a arte de curar por meio de um contato mais próximo com a natureza e pela observação dos animais. Desde os princípios da existência humana, os homens procuram na natureza recursos para melhorar suas condições de vida, aumentando assim as chances de sobrevivência. A interação é evidenciada na relação entre seres humanos e plantas, uma vez que os usos dos vegetais são os mais diversos e importantes em várias culturas, como é o caso das propriedades medicinais (BALICK; COX, 1997).

Muitas pessoas vêm se interessando em entender as relações entre membros de sua própria cultura ou de diferentes grupos culturais e as plantas. Há pouco mais de um século surgiu o termo Etnobotânica, para designar o estudo dessas relações (MINNIS, 2000). De acordo com Davis (1995), pessoas e plantas são dependentes um do outro e um dos objetivos de estudos etnobotânicos é o entendimento dessas interações. A Etnobotânica cita a forma como as pessoas incorporam as plantas em suas tradições culturais e práticas diárias (BALICK; COX, 1997) ou, para Alcorn (1995), a Etnobotânica é o estudo das inter-relações entre humanos e plantas em sistemas dinâmicos. Segundo Hanazaki (2006), “abordagens etnobotânicas podem fornecer respostas importantes tanto para problemas de conservação biológica como para questões direcionadas para o desenvolvimento local”.

Segundo Haverroth (2010), historicamente e culturalmente, “os povos indígenas mantém relações mais próximas com os elementos do seu meio natural, muitas vezes, inclusive, indissociáveis, por isso, têm sido importantes público para pesquisas etnobotânicas”.

Além da relação estreita entre cultura indígena, de um modo geral, e o meio em que vivem, os territórios indígenas correspondem a 12% do território nacional e a 21% da Amazônia Legal. Essa importância aumenta quando se conclui que nada menos do que 40% das áreas de extrema importância biológica e 36% das de muito alta importância biológica da Amazônia estão dentro de Terras Indígenas (SANTILLI, 2005).

No que se refere especificamente à Amazônia, existem muitas citações esparsas sobre virtudes curativas atribuídas a determinados vegetais, e os pioneiros dessas pesquisas muito contribuíram ao despertar o interesse sobre o assunto, e em divulgar os conhecimentos sobre as espécies medicinais amazônicos. Berg (1982) realizou um trabalho sobre sistemática de plantas medicinais da Amazônia, que muito têm contribuído para a identificação correta desses vegetais empregados na medicina natural. Pires (1984), em seus trabalhos sobre os recursos genéticos de plantas medicinais, além de mostrar a importância do estudo e conservação das mesmas, afirma ainda que a “história das plantas medicinais no Brasil mescla-se com a história da Botânica e com sua própria história”. Albuquerque (1989) ressalta recomendações de coleta, uso e preparo das mais conhecidas ervas medicinais usadas pelas populações da Amazônia. Martins (1989) faz uma listagem das espécies mais utilizadas com descrição botânica, sinonímia e uso popular.

Elisabetsky (1991) enfatiza que “a pesquisa com plantas medicinais tem sido e continua a ser uma abordagem rica para a procura de novas drogas”. Na obra “Cultivo de plantas medicinais na Amazônia”, Pimentel (1994) apresenta um repertório vasto das plantas medicinais mais comumente usadas na região, com dados agronômicos, ecológicos e etnofarmacológicos.

Martin (1995) discute as várias disciplinas envolvidas em estudos etnobotânicos e também toma como princípio de que estudos etnobotânicos pode ser um caminho para elaboração de projetos de desenvolvimento para as comunidades envolvidas, partindo-se do conhecimento etnobiológico das pessoas.

Di Stasi *et al.* (1996) faz uma abordagem na questão conceitual e metodológica de estudos de plantas medicinais, mostrando com clareza dois pontos fundamentais: a necessidade de sistematização das ações interdisciplinares e o direcionamento destas ações, de acordo com a realidade e as necessidades do meio onde elas se realizam. Vieira e

Albuquerque (1998) apresentam um repertório de várias espécies com descrição botânica, princípios ativos e uso popular.

Povos indígenas e os mais diversos povos tradicionais habitam ambientes diversificados, explorando uma flora extremamente variada e praticamente desconhecida do aspecto farmacológico. A conservação deste recurso vincula-se e beneficia-se da preservação do conhecimento sobre seus usos. O etnobotânico tem muito a contribuir para que ambas as metas se concretizem. A abordagem ao estudo de plantas medicinais a partir de seu emprego por sociedades tradicionais, de tradição oral, pode contribuir com muitas informações úteis para a elaboração de dos farmacológicos, fotoquímicos e agronômicos sobre essas plantas, com grande economia de tempo e dinheiro. Ela nos permite planejar a pesquisa a partir de um conhecimento empírico já existente e muitas vezes consagrado pelo uso contínuo, que deverá então ser testado em bases científicas (AMOROZO, 1996).

O povo Arara-Karo em seu passado tinham ricos conhecimentos na área das plantas medicinais para curar diversos tipos de doenças, tais como: febre, dor de cabeça, dor de dente, dores no estômago, remédio para criança andar, remédio para mulher ter filho e ainda para não ter mais filhos, entre outros. Por falta de recursos para resgatar tais conhecimentos, o presente trabalho faz refletir sobre uma forma de revitalizar e preservar esses conhecimentos para posteriormente serem repassados as futuras gerações. Pois, assim como ainda há povos em diversas localidades com saberes não revelados, os Arara também conservam seus conhecimentos em segredo.

O presente estudo foi realizado visando oportunizar aos jovens a continuarem os processos próprios de ensino e aprendizagem da educação indígena tanto na área de plantas medicinais quanto em outras áreas. Essa pesquisa almejou ser uma forma de estimular a comunidade a refletir sobre os seus processos de educar visando resgatar as práticas de ensinamento com as novas gerações. Também é uma forma de fazer valer a Lei de 1988 que reconhece os direitos dos povos indígenas à manterem sua identidade cultural, fazendo o uso de suas línguas maternas para elaborar seus materiais pedagógicos dos seus conhecimentos tradicionais, neste caso, das plantas medicinais utilizadas pelo povo na cura de suas enfermidades.

O estudo teve como objetivo resgatar o conhecimento tradicional na área de plantas medicinais utilizadas pelo povo Arara-Karo para curar as doenças, principalmente antes do contato com a sociedade não indígena.

1. Percurso Metodológico da Pesquisa

O trabalho foi desenvolvido na aldeia I'terap (Figura 1), Terra Indígena Igarapé Lourdes, município de Ji-Paraná, Rondônia, especificamente a 45km da cidade, com o povo indígena Arara-Karo. Atualmente são aproximadamente 450 pessoas na comunidade nas aldeias chamadas de I'terap, Paygap e Cinco irmãos.

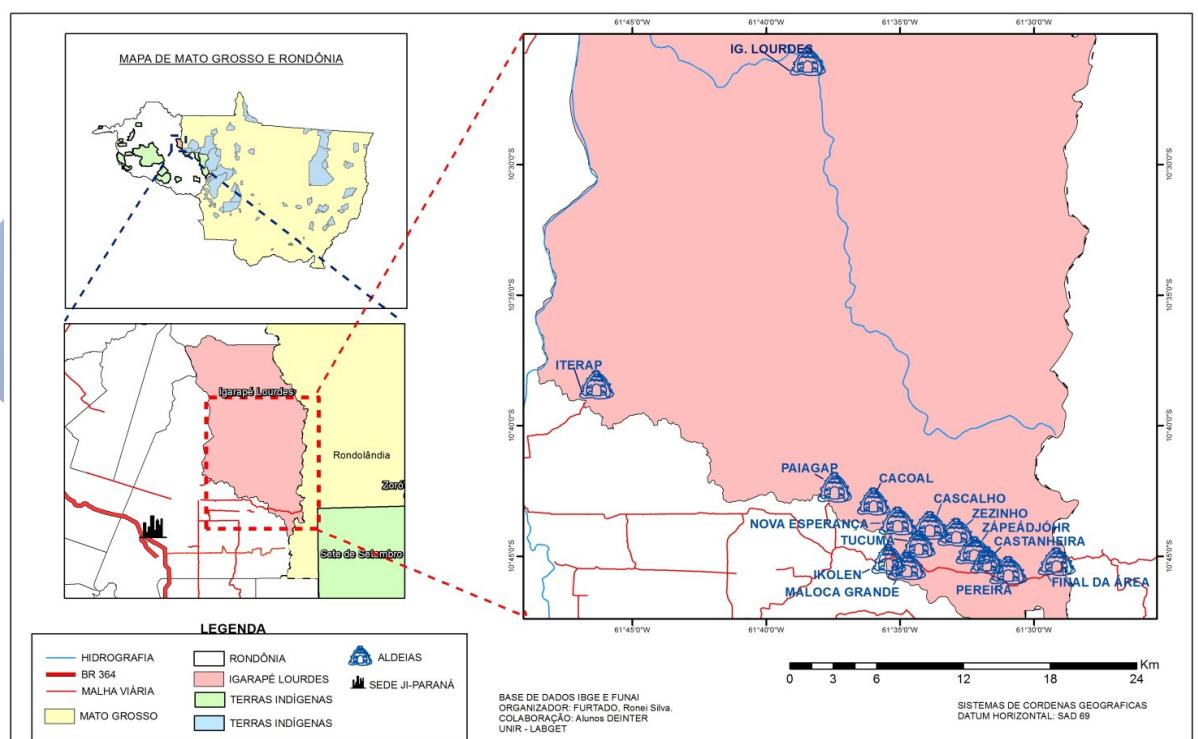


Figura 1: Mapa da Terra Indígena Igarapé Lourdes
Fonte: Laboratório de Geomática e Estatística- LABGET.

A etnia Arara-Karo, pertence à família Rama-rama do tronco linguístico Tupi. Habitavam tradicionalmente as margens do Rio Machado, na altura do atual município de Ji-Paraná. Atualmente residem na Terra Indígena Igarapé Lourdes, com 185.533 hectares homologados pelo decreto nº. 88.609 de 09/08/1983, a qual dividem com o povo Gavião Ikóléhj, expulsos de suas terras tradicionais pela frente colonizadora (DE PAULA *et al.*, 2010, p. 1).

Os Arara foram contactados no final dos anos 1940, quando centenas deles morreram de doenças contagiosas e os sobreviventes foram morar nos seringais da região. Isso fez com que os Araras se engajassem totalmente no modo de vida não indígena, mas seus pajés ainda são conhecidos por todos os índios das regiões vizinhas como muito poderosos.

Os Arara têm seu próprio processo de ensino e aprendizagem que são repassados de

geração a geração. Sua forma de adquirir saberes é por meio das observações e orientações de seus anciões. Os ensinamentos são repassados oralmente e sua organização social é harmônica. Com seus valores simbólicos, o conhecimento é o processo de construir saberes. Os saberes são transmitidos pelos seus sabedores as novas gerações.

A educação tradicional é muito importante na comunidade visando ensinar os conhecimentos para que não se perca a tradição cultural do Povo Arara. Atualmente sabemos que ainda enfrentamos muitos preconceitos pela sociedade envolvente, no entanto, este estudo (Intercultural) pode demonstrar que os povos indígenas têm valorizado sua tradição e por meio dela são fortalecidas suas culturas.

Os processos próprios de ensino e aprendizagem da educação indígena são importantes para os povos, pois sabemos que é por meio dela que os povos indígenas conseguiram alcançar os seus direitos e o reconhecimento perante a sociedade não-indígena.

O fato de pesquisar a existência das plantas medicinais do povo Arara vem alertar sobre uma preocupação da necessidade das novas gerações estarem adquirindo conhecimentos sobre o uso das plantas medicinais com os sabedores ou os mais velhos na comunidade.

Devido a esses fatores apresentados, foram realizadas entrevistas utilizando-se de questionários estruturados contendo questões sobre os principais problemas de saúde que acontecem na aldeia, a nomenclatura utilizada para chamar as plantas que tratam dos problemas de saúde, a importância de se usar plantas medicinais no tratamento de doenças, se usa plantas medicinais no tratamento de doenças, há quanto tempo usa, com quem aprendeu a usar, se ensina esses conhecimentos e se acha que todas as doenças podem ser curadas com plantas.

2. Resultados da Pesquisa

O conhecimento das plantas medicinais simboliza o único recurso terapêutico de muitas comunidades e grupos étnicos. O conhecimento do uso das plantas medicinais ainda é conservado pelos sabedores e também por eles preservado, sendo a preservação desse conhecimento um símbolo muito importante para o povo.

A presença dos remédios farmacêuticos não é um motivo para os anciões deixarem de usar suas plantas como remédios, no entanto ainda guardam seus conhecimentos em suas memórias. O uso das plantas medicinais ainda acontece de forma indireta em suas necessidades, quando não há remédio imediato nos postos de saúde ou nas urgências, as

pessoas procuram os pajés ou mais velhos conhecedores de tais plantas.

Observa-se na Aldeia, que apesar de existir um posto de saúde com remédios farmacêuticos, atualmente, ainda são usadas as plantas medicinais para: fazer a criança andar e crescer com os ossos saudáveis, para diarréias, picadas de insetos e serpentes, amenizar o sangramento de hemorragias, furúnculo, entre outros sintomas.

Neste sentido, de acordo com Monteles e Pinheiro (2007, p. 12), o conhecimento acumulado pelas sociedades tradicionais, de séculos de estreita relação com a natureza desempenha um papel fundamental para a manutenção da diversidade biológica, assegurando a utilização racional dos recursos naturais.

Segundo Hoefel e colaboradores (2011, p. 24), os processos de industrialização e globalização cultural e econômica geraram riscos relacionados com a questão ambiental e com a descaracterização da identidade de muitas populações tradicionais, conduzindo a desvalorização de elementos do conhecimento tradicional, como por exemplo, o uso de plantas medicinais. Por essa razão, entende-se que é de grande importância a informação para população indígena, por meio dos registros escritos e orais o ensinamento deste conhecimento. Dessa forma, pode-se dizer que o estudo é voltado a pesquisa de campo proporcionando assim aos mais jovens conhecerem as plantas medicinais e seus efeitos, comprovando assim suas ações diante dos seus usos.

Através do acesso aos recursos naturais, o povo tem a oportunidade de conhecer a importância do uso das plantas e suas potencialidades, entre elas, o de uso medicinal. Assim, é preciso que as famílias atuais tenham mais participação nas atividades culturais, principalmente nas festividades tradicionais, onde envolvem os anciões e pajés e toda a comunidade. Esses eventos são momentos importantes para aprender os ensinamentos culturais e entender os significados das atividades, principalmente na realização dos rituais de cura. Esses rituais, em muitas ocasiões, são feitos pelos pajés quando alguém tem sintomas de doenças ou quando eles descobrem espiritualmente que alguém da comunidade está sofrendo ameaças por outros espíritos, neste caso, eles fazem rituais para evitar que nada de mal possa acontecer com essa pessoa. Os remédios são feitos com as plantas através do espírito do pajé (témamât).

Além disso, o povo Arara-Karo acredita que o uso das plantas medicinais irá se incorporando gradativamente nos programas de saúde, como na SESAI ou no SUS. Dessa forma o estudo torna-se uma estreita fonte de relação de pesquisa e cada vez mais fortalecer um laço entre Universidade e Comunidade, estabelecido e pensado principalmente na melhoria da qualidade de vida das populações indígenas.

Historicamente, o uso de plantas medicinais faz parte da vida da humanidade desde antiguidades do povo. Na geração passada, os jovens sempre acompanham seus pais e seus avôs para adquirirem conhecimentos e ampliá-los, com intuito de fazer assim, um caminho sábio para descobrir a utilidade de cada planta, muitas vezes se tornando um pajé posteriormente.

Atualmente, o que se observa é um desinteresse dos mais jovens por esses conhecimentos, e se tais conhecimentos não forem resgatados, vai enfraquecer a cultura medicinal do povo com o passar do tempo, pois o conhecimento dos sabedores vai com eles ao findar seu ciclo de vida. O uso de espécies de plantas tem por finalidade descobrir formas de tratamento e cura de sintomas e doenças; O estudo despertou para sensibilizar os anciões do povo Arara-Karo a voltarem a usar as plantas no seu cotidiano, pois atualmente cerca de 50% de todas as espécies existentes na terra indígena são usadas como remédio.

Portanto, o conhecimento tradicional é uma das maiores riquezas de um povo, uma vez que é uma grande oportunidade para descobrir novos medicamentos. E esses conhecimentos em relação as plantas medicinais estão vinculadas na sua maioria ao conhecimento acumulado pelos pajés durante sua vida. Para conhecer um pouco sobre o que a população da aldeia sabe sobre as plantas medicinais foram realizadas quinze entrevistas com integrantes da comunidade. Dos entrevistados, oito são do sexo feminino e sete do sexo masculino. Possuem idade que variam entre 28 e 67 anos, conforme figura 2 a seguir.

Constata-se que o maior número de entrevistados se encontra na faixa etária entre 30 e 39 anos, totalizando 10 moradores, representando 67% do total entrevistado. Na faixa etária dos 20 a 29 anos foram entrevistados 02 moradores (13%), na faixa etária de 60 a 69 anos, os outros 03 moradores (20%), totalizando os 15 entrevistados na pesquisa. Não foi entrevistado nenhum morador na faixa etária dos 40 a 49 anos e também dos 50 a 59 anos.

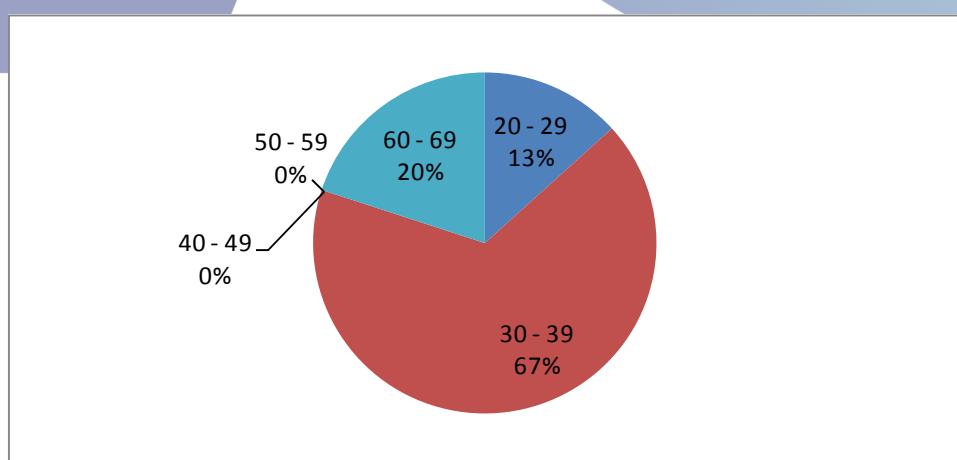


Figura 2: Intervalo de idade dos entrevistados

Fonte: Pesquisa de campo

Segundo Amorozo (1996), “qualquer membro adulto normal de uma cultura (ou mesmo, em alguns casos, crianças e adolescentes) pode funcionar como um informante em pesquisas etnobotânicas”. Isto foi vivenciado durante o estudo realizado na comunidade.

Quando questionado sobre quais os problemas de saúde que ocorrem com mais frequência na aldeia, foram citados diarreia, gripe, febre, dor de garganta, dor de cabeça, malária, micoses, verminoses. Observa-se que as citações são de doenças que ocorrem com maior frequência do cotidiano, sendo malária citada por apenas uma pessoa e mais velha, podendo estar relacionado a doença com os tempos passados, pois nos dias atuais não acontece mais tantos casos de malária.

Na pergunta sobre qual a melhor maneira de chamar as plantas que usam quando a pessoa tem algum problema de saúde, 10 entrevistados citaram como sendo planta medicinal, 02 como planta para chá e 03 como planta para remédio, o que demonstra que a maioria conhece o significado do termo planta medicinal.

Quando perguntado se acham importante usar plantas medicinais para o tratamento de doenças, os quinze entrevistados admitiram que sim (100%), destacando nesse sentido o poder das plantas para a cura e prevenção das doenças.

Ao questionar se eles usam plantas medicinais para o tratamento de doenças, 13 entrevistados responderam que sim e dois que não. Os que não usam relacionam se ao fato de quando estão com algum sintoma de doença procuram o serviço de enfermagem na busca de algum medicamento.

O tempo de uso das plantas medicinais é uma informação também muito importante quando se trabalha com plantas medicinais, neste sentido quando foi realizada a pergunta do tempo que usam as plantas medicinais, dois entrevistados citaram que usam no intervalo de 1 a 5 anos, dois usam de 5 a 10 anos e onze a mais de 10 anos (Figura 3).

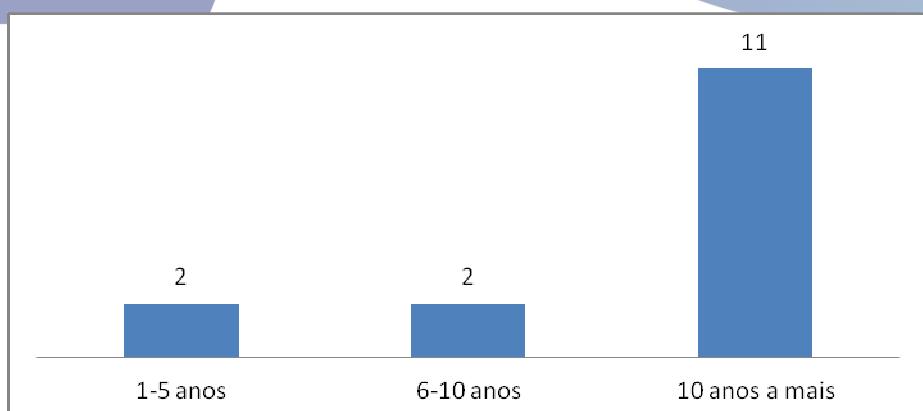


Figura 3 – Intervalo de tempo de uso das plantas medicinais

Fonte: Pesquisa de campo

Quando questionado sobre com quem aprendeu a usar as plantas medicinais, quatro entrevistados citaram que foi com os pais, oito com os avós, dois com tios e um com vizinhos, ficando claro nessa questão que os conhecimentos tradicionais são repassados de geração a geração dentro do contexto familiar. Assim, foi questionado se eles ensinavam para outras pessoas o que sabem sobre as plantas medicinais e os quinze entrevistados afirmaram que sim.

O último questionamento estava relacionado se eles achavam que todas as doenças podiam ser tratadas com plantas. Neste sentido, nove responderam que sim, pois as plantas são a base de todos os medicamentos e seis responderam que não, pois existem doenças que são muito perigosas sendo preciso usar outros medicamentos para o tratamento dessas doenças. Nesta questão foram citadas respostas como: “*podem sim, porque os povos indígenas passaram um grande conhecimento que foi dado pelos mais velhos*”, ou “*os mais velhos deixam este conhecimento para os mais jovens*” e ainda “*porque as plantas é um remédio natural que tiramos da natureza*”.

Após essas informações gerais sobre a importância das plantas medicinais observada nas entrevistas acima, também foi realizada entrevista com o pajé Cícero Xia Mot Arara. Um dos primeiros questionamentos foi sobre as doenças que afetavam o povo Arara. O pajé Cícero respondeu que as doenças que mais afetavam a comunidade era as dores no tórax e sangramentos, explicando que era como se as pessoas tivessem perdendo o fôlego e morrendo.

Pajé Cícero também disse que o pajé tem um papel muito importante para cuidar e prevenir o povo dos espíritos de outros pajés que inutilizam espiritualmente os parentes. Ele ainda disse que antes de ter pajé, nossos parentes morriam de doenças através dos espíritos maus. Esses espíritos faziam mal aos parentes, pois eles se enganavam com as almas pensando que era pajé que estavam fazendo rituais, mas na verdade eram as almas de outros espíritos que vinham buscar o espírito da pessoa para fazer mal. Ele cita que: “*Hoje isso mudou, pois tem eu como pajé, por isso os espíritos mal respeitam*”.

O pajé conta que antes do contato, o povo Arara realizava trabalhos tradicionais sem depender dos recursos dos não-índios. Após o contato, estes saberes sofreram modificações e não foram mais ensinados para seus jovens, por isso seus conhecimentos estão se perdendo.

Pajé Cícero comenta que se preocupa em cuidar das doenças, citando que: “*hoje tem um pajé mulher espiritual que cuida das doenças das pessoas*”. Segundo ele, só existe ela que conhece de verdade os tipos de plantas para curar e prevenir doenças. A preocupação de se perder de vez os conhecimentos é assunto que deve ser levado a sério, disse o pajé, pois os

mais jovens não se preocupam de estarem buscando os conhecimentos com os mais velhos, por isso deve ter alguém que possa mostrar o caminho para eles.

Pajé Cícero, cita que: *"Nós éramos muitos, donos desse território até o Riachuelo, éramos ricos de comidas nativas, por causas de doenças perdemos quase tudo. Eu me preocupo com os ataques de outros espíritos"*.

Após entrevista com o pajé Cícero, foi realizada entrevista com o senhor José Dutra Yohwāy Arara, um dos conhecedores das plantas medicinais do povo Arara.

Fomos até a floresta, andando aproximadamente 2 km dentro da mata onde ele mostrou diversas plantas que tem utilidade para curar diversos tipos de doenças, tais como: gripe, dor no estomago, picada de serpente e outros insetos, para amenizar anciã de vômito, diarreia, remédio para criança crescer saudável, remédio para curar hemorragia da mulher depois do parto, remédio para curar furúnculo, para controlar a epilepsia, para usar no corpo para atraír caças, entre outros. No entanto, observa-se que os mais velhos ainda guardam em segredo seus conhecimentos.

Segundo o conhedor José Arara, há muitas plantas para serem utilizadas como remédios, mas muitos deles deixam de usar as plantas medicinais porque a entrada dos medicamentos farmacêuticos ocupou o espaço, fazendo com que os anciões deixassem de usar suas plantas. O uso das plantas é importante para que as culturas sejam preservadas e fortalecidas por eles, no entanto seus conhecimentos tradicionais são pouco explorados pelos jovens. Muitas pessoas da nova geração ainda não conhecem que podemos explorar as plantas para se tornar remédios e não depender dos remédios da farmácia o tempo todo.

O outro entrevistado foi o senhor Procópio Arara. Ele disse que é interessante pesquisar os conhecimentos na área de plantas medicinais para preservar os conhecimentos dos antepassados para as futuras gerações. O mesmo, também relata que essa situação é mesmo preocupante no mundo atual, porque os jovens estão rodeados de tecnologias dos não-indíos e isso não traz coisas boas, pois os jovens deixam de se preocupar com o que é de seu interesse e do restante da comunidade.

Senhor Procópio cita que são várias as plantas utilizadas pelo povo Arara nos rituais de cura, conforme informações listadas na tabela a seguir.

Tabela 1. Plantas medicinais citadas pelo entrevistado Procópio

PLANTA	PARTE UTILIZADA	MODO DE UTILIZAÇÃO	UTILIZAÇÃO
Agorowetá	Folha	Mastiga e engole	Dor de estomago
Napía 'üp	Madeira	Corta a madeira e coloca água esperada para ficar colorida e toma diariamente	Serve para cicatrização de ferida, combate o câncer e a diabética
Napâ pû op pû	Cipó	Mastiga o cipó e toma o saldo também assa o para colocar no ferimento	Serve para curar diarreia e ferimento
Way pû'	Cipó	Corta o cipó e beba sua água	Serve para amenizar dor nos casos de picadas de arraia
Ma'üp ka xã kap	Folha	Mastiga a planta e engole	Serve para dor no estomago
I'wìm map to'	Folha	Esquenta a folha e coloca no local da dor	Serve para dor ou reumatismo
Piko ká'	Casca	Mastiga e esfrega no corpo	Mastiga a casca para esfregar no corpo
Néya kap	Folha	Esmaga a folha e passa no corpo inteiro.	para curar a febre
Xerewip paba	Folha	Pega a folha e esquente, depois passa no corpo	Serve para amenizar dores
Way pa'aw	Seiva	Passar a água da planta no local	Para mata bicheira
Napâ 'a'	Cipó	Rala o cipó e toma o caldo	Serve para curar dor de barriga
Way pû'	Cipó	Tirar o cipó e colocar amarrando a cabeça para tirar a dor	Para tirar dor de cabeça
Xapo 'üp	Casca	Mastigar o casco para então passar no ferimento	Passar no ferimento e corte
A'i ká	Madeira	Mastigar a madeira e tomar seu caldo	Amenizar o sangramento
Xapot pe'	Folha	Pegar a folha e esquenta para colocar no local da dor	Folha para colocar no local da dor

Através das entrevistas, percebo que os relatos vêm de encontro com minha opinião e preocupação com a revitalização e preservação dos conhecimentos do povo Arara na área de plantas medicinais.

Considerações finais

Com o desenvolvimento do trabalho percebe-se que o uso das plantas no processo de

cura de um povo indígena é de extrema importância. Nesse sentido, desenvolver junto aos pajés uma roda de conversa com os mais jovens, incentiva-los a buscar conhecimentos sobre as plantas é vital para a manutenção do conhecimento cultural do povo Arara.

Nota-se também que alguns anciões não repassam seus conhecimentos porque poucas pessoas da nova geração acreditam no poder de cura das plantas e no próprio sabedor, precisando assim fazer um trabalho de revitalização da cultura no que se refere ao uso dessas plantas e da importância de se conhecer os remédios tradicionais do povo.

Referências

- ALBUQUERQUE, J.M. P. **Plantas medicinais de uso popular**. Brasília: ABEAS/MEC, 1989.
- ALCORN, J.B. The scope and aims of ethnobotany in a developing world. In: SCHULTES, R.E.; VON REIS, S. (eds.). **Ethnobotany: evolution of a discipline**. Portland: Dioscorides Press, 1995.
- AMOROZO, M. C. M. A abordagem etnobotânica na pesquisa de plantas medicinais. In: DI STASI, L. C. (Org.). **Plantas medicinais: arte e ciência – um guia de estudo interdisciplinar**. Botucatu: UNESP, 1996.
- BALICK, M. J.; COX, P. A. **Plants, people, and culture: the Science of Ethnobotany**. New York: Scientific American Library, 1997.
- BERG, M.E. **Plantas medicinais na Amazônia**: contribuição ao conhecimento sistemático. Belém, CNPq/PTU, 1982.
- DAVIS, E.W. Ethnobotany: an old practice, a new discipline. In: SCHULTES, R.E.; VON REIS, S. (eds.). **Ethnobotany: evolution of a discipline**. Portland: Dioscorides Press, 1995.
- DE PAULA, J. M.; FELZKE, L. F.; ARARA, S.; ARARA, S.; ARARA, E.; ARARA, C. **O povo Arara-Karo: entre a produção tradicional e o mercado**. Disponível em: <http://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&frm=1&source=web&cd=13&ved=0CGgQFjAM&url=http%3A%2F%2Fwww.anppas.org.br%2Fencontro5%2Fcd%2Fartigos%2FGT14-399-392-20100903100626.pdf&ei=CVwkU-SFDYuPkAfo44DwAg&usg=AFQjCNGB-FFMeYyrrpLLXehSO6W-tMExQA>. Acesso em: 15 abr. 2014.
- DI STASI, L. C. **Plantas medicinais: arte e ciência: um guia de estudo interdisciplinar**. São Paulo: UNESP, 1996.
- ELISABETSKY, E. Sociopolitical, economical and ethical issues in medicinal plant research. **Journal of Ethnopharmacology**, v.32, p.235-239, 1991.
- HANAZAKI, N. Etnobotânica e conservação: manejar processos naturais ou manejar

interesses opostos? In: MARIATH, J.E.A. & SANTOS, R.P. (eds.). **Os avanços da Botânica no início do século XXI**: morfologia, fisiologia, taxonomia, ecologia e genética. Conferências Plenárias e Simpósios do 57º Congresso Nacional de Botânica. Porto Alegre: Sociedade Botânica do Brasil, 2006.

HAVERROTH, M. Os desafios da pesquisa etnobotânica entre povos indígenas. In: SILVA, V.A.; ALMEIDA, A.L.S.; ALBUQUERQUE, U.P. (Orgs.). **Etnobiologia e etnoecologia: Pessoas & Natureza na América Latina**. Recife: NUPEEA/SBEE, 2010 (A). p. 133-141.

HOEFEL, J.L.M.; GONÇALVES, N.M.; FADINI, A.A.B.; SEIXAS, S.R.C. Conhecimento Tradicional e uso das Plantas Medicinais nas APAS'S Cantareiras/ SP: E Fernão Dias/MG. **Revista VITAS**, Niteroi, n. 1, set. 2011.

MARTIN, G. J. **Ethnobotany, a methods manual**. London, UK: Chapman & Hall, 1995.

MARTINS, J. E. C. **Plantas medicinais de uso na Amazônia**. 2. ed. Belém: CEJUP, 1989.

MINNIS, P.E. Introduction. In: MINNIS, P.E. (ed.). **Ethnobotany: a reader**. Norman: U. Oklahoma Press, 2000.

MONTELES, R.; PINHEIRO, C.U.B. Plantas Medicinais em um Quilombo Maranhense: uma perspectiva etnobotânica. **Revista de Biologia e Ciências da Terra**. Campina Grande, v. 7, n.2, jul./dez., 2007.

PIMENTEL, A. A. M. P. **Cultivo de plantas medicinais na Amazônia**. Belém: Faculdade de Ciências Agrárias do Pará / Serviço de Documentação e Informação, 1994.

PIRES, M. J. P. Aspectos históricos dos recursos genéticos de plantas medicinais. **Rodriguésia**, v. 36, n. 56, p. 61-66, 1994.

SANTILLI, J. **Socioambientalismo e novos direitos**: proteção jurídica à diversidade biológica e cultural. São Paulo: Peirópolis, 2005.

VIEIRA, L.S.; ALBUQUERQUE, J.M. **Fitoterapia tropical**: manual de plantas medicinais. Belém: Faculdade de Ciências Agrárias do Pará / Serviço de Documentação e Informação, 1998.

Apoio:

Grupo de Pesquisa em Etnoconhecimento e Pesquisa em Educação - GPEPE